

O PIANO DE NERUDA

• Rubem Braga

SOU pessoa de uma grande burrice para linguas, e mesmo em português não sei pronunciar muitas palavras; ouvido grosso e má memória auditiva parecem culpados disso.

Como já vivi algum tempo fora do Brasil tenho podido, entretanto, corrigir erros de tradução feitos por pessoas muito mais cultas do que eu. Assim um de nossos melhores poetas, traduzindo García Lorca, traduziu o espanhol **plátanos** por **plétanos**, quando ali era **bananeira**. Outro grande poeta nosso, também traduzindo Lorca («La Casaca Infiel»), havia traduzido **muslos** por **músculos**, quando na verdade se tratava de **coxas**.

Mas o maior engano aconteceu comigo mesmo. Certa vez fui convidado a ir ao Chile por uma instituição internacional. Recebi carta dizendo que minha passagem devia ser paga na Panair. Telefonei para a companhia; nada. Telegrafei para o Chile dizendo que aguardava passagem. Recebi a resposta dizendo que minha passagem tinha sido cancelada. Claro que desisti da viagem, achando estranha aquela maneira de convidar e desconvidar. No dia seguinte me telefonaram da Panair, aqui no Rio: havia uma passagem de ida e volta a Santiago à minha disposição. Perguntei se essa passagem não havia sido cancelada; eu recebera um telegrama dizendo isso. Não, não tinha havido cancelamento algum. Insisti em que a companhia telegrafasse para Santiago para que confirmassem minha passagem. No dia seguinte veio a confirmação expressa; a passagem continuava às minhas ordens.

Embarquei; e só em Santiago vim a saber que «cancelada» quer dizer apenas «paga».

E já que falei em Chile, traduzi aqui um trecho em prosa do poeta Pablo Neruda:

«As goteiras foram o piano de minha infância. Meu pai sempre falava em comprar um piano que, além de permitir que minhas tintas tocassem minha adorada valsa «Sobre as Ondas», daria à nossa família esse título inexprimivelmente distinto que vem da frase: «eles têm um piano».

Meu pai, nos momentos em que o deixava livre sua vida de mobilidade perpétua, pois era chefe de trem, chegava até a medir as portas por onde deveria passar aquele piano que não chegou nunca.

Mas o grande piano das goteiras durava todo o inverno. Logo às primeiras chuvas revelavam-se novas goteiras, de voz doce, que acompanhavam as antigas. Minha mãe espalhava bacias, vasos, jarros, latas. Cada um dava um som diferente; a cada um desses vasilhames chegava do céu tempestuoso uma diferente mensagem, e eu distinguia o som claro de uma bacia de ferro esmaltado de lavatório do som opaco e amargo de um balde amolgado. Esta foi quase toda a música, o piano de minha infância, e suas notas, digamos, suas goteiras, me acompanharam onde me coube viver, caindo sobre o meu coração e a minha poesia».

DN - 9.7.65